

Modateca: espaço de pesquisa e memória com proposta de itinerância e desenvolvimento acadêmico

Cristiane Camizao Rokicki (SENAC) - ccamizao@hotmail.com

Resumo:

Apresentar a história da criação da primeira modateca no Brasil como espaço de pesquisa de tendência e memória da moda, constituída em instituição de ensino superior nos anos de 1990. O artigo conduz o estudo aos modelos de organização da informação da cultura material já existentes em museus e bibliotecas universitárias, utilizando como base teórica e metodológicas introduzidas pelo historiador Jules David Prown (1982) e aprimoradas no item indumentária por Rita Andrade (2008) e Sheila Gies (2008), contribuindo para a constituição deste uma base de estudo, construindo um elo entre esses pesquisadores e a Ciência da Informação e Biblioteconomia com Buckland (1998). que são metodologias já aplicadas na constituição do acervo da instituição pesquisada. A organização da informação na modateca tem a cultura material, como o centro do processo de registro e de evidência, o que contribui para os pesquisadores, com acesso aos dados e imagens dos objetos como parte fundamental para o desenvolvimento de sua pesquisa. Por fim, o modelo de itinerância será abordado, como solução para locais que não possuam em suas bibliotecas universitárias um espaço próprio para a criação da modateca.

Palavras-chave: *modateca; pesquisa em moda*

Área temática: *Temática III: Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade*

Modateca: espaço de pesquisa e memória com proposta de itinerância e desenvolvimento acadêmico

Resumo: Apresentar a história da criação da primeira modateca no Brasil como espaço de pesquisa de tendência e memória da moda, constituída em instituição de ensino superior nos anos de 1990. O artigo conduz o estudo aos modelos de organização da informação da cultura material já existentes em museus e bibliotecas universitárias, utilizando como base teórica e metodológicas introduzidas pelo historiador Jules David Prown (1982) e aprimoradas no item indumentária por Rita Andrade (2008) e Sheila Gies (2008), contribuindo para a constituição deste uma base de estudo, construindo um elo entre esses pesquisadores e a Ciência da Informação e Biblioteconomia com Buckland (1998). que são metodologias já aplicadas na constituição do acervo da instituição pesquisada. A organização da informação na modateca tem a cultura material, como o centro do processo de registro e de evidência, o que contribui para os pesquisadores, com acesso aos dados e imagens dos objetos como parte fundamental para o desenvolvimento de sua pesquisa. Por fim, o modelo de itinerância será abordado, como solução para locais que não possuam em suas bibliotecas universitárias um espaço próprio para a criação da modateca.

Palavras-chave: Modateca. Pesquisa em moda. Espaço de memória. Teciteca.
Metodo Prown

Área Temática: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação

1. INTRODUÇÃO

A criação das modatecas em instituições de ensino superior no Brasil tem sua composição a partir de dois aspectos: a necessidade da preservação da memória efêmera da área da moda para os alunos recém ingressados nos primeiros curós superiores no final dos anos de 1990 e a pesquisa de tendências, com projeções futuras sobre cores, tecidos e modelagem com conteúdos que ainda não estavam facilmente no mercado informacional, exceto pelos periódicos e viagens internacionais que encareciam a pesquisa. Internacionalmente, já existiam modelos de espaços de pesquisa em moda como nos Estados Unidos no museu do FIT –

Fashion Institute Technology¹, como modelo de sucesso para a pesquisa na área da moda, inserida numa instituição de ensino superior, com objetivo de pesquisa histórica e tendências expandindo sua atuação para exposições e cursos.

Os exemplos acima foram o que estimularam uma instituição, especialista em ensino técnico a criar um local, chamado a princípio de Teciteca para pesquisa em tecidos base para o desenvolvimento de novas peças do vestuário, tudo que pudesse aprimorar o processo criativo e crítico dos primeiros formandos em curso técnico em moda no ano de 1993. Em 1998 essa mesma instituição passava a ser a segunda do país a oferecer o curso superior em moda. Esse novo mercado fez crescer a procura por informação na área, e a Teciteca passou a ser chamada de Modateca, pois além dos tecidos, aviamentos e tabelas de cores, passou a compor o seu acervo variadas peças como figurinos e vestuários, de estilistas e alunos formados pelo curso técnico, além de chapéus e acessórios.

A Teciteca e a Modateca sempre estiveram ligadas a biblioteca da instituição, o que desafiou a equipe de bibliotecários e professores, no contexto do acesso e preservação das peças, entre outros questões.

Veremos que no Brasil há expectativas positivas para o desenvolvimento e oportunidades para as IES e os cursos de tecnólogo e graduação em moda, que configuram como *design* moda, para a criação de modatecas e tecitotecas² ou tecitecas como usado pela instituição da pesquisa.

Para a organização do acervo desse espaço de memória e seu aprimoramento, um estudo em 2008 a 2010 passa a analisar a metodologia usada, entrelaçando com os estudos de Prown (1998) e citados por Andrade e Gies, especificamente para acervo de indumentária, já que ambas são especialistas em moda. O propósito foi além da historicidade da modateca, como primeira no Brasil, mapear os possíveis problemas de catalogação e disponibilização da informação dos objetos do lugar, e citar possíveis alterações no processo.

O objetivo deste artigo é apresentar este estudo realizado entre 2008 e 2010 e como a cultura material deste foi colocada como objetivo central e elemento informacional, inserido no ambiente da biblioteca universitária, e destacar como uma

¹ Museum FIT - Fashion Institute Technology ver <http://fitnyc.edu/3662.asp>

² Termo usado pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura.

demanda por informação pode transformar a forma de se pesquisar, propiciando aos estudantes brasileiros um local que permita o acesso rápido ao objeto pesquisado, seja tecido ou uma indumentária.

Entre novos acervos e desafios, a instituição também lança um modelo já comum para acervo de livros, que é o recurso da itinerância abordado neste artigo, que auxilia a pesquisa em locais menores e que estão distante da biblioteca central, que possui a modateca.

Como planejamento estratégico, equipe capacitada e metodologia clara os resultados após o estudo de 2008 a 2010, apresentam bons resultados, a mesma consegue criar metas para o futuro, agrega valor incalculável para a pesquisa e memória cultural nacional, permitindo planejar ações comuns aos grandes museus, como FIT - Fashion Institute Technology, que nasceu de doações nos anos de 1960.

2. ESPAÇOS DE MEMÓRIA

O homem possui uma relação única com os objetos guardados e estes se tornam uma espécie de registro documental, funcionam como o resgate do passado. Num determinado momento, o apego e a necessidade de fazer a história, ou de preservá-la, permitem a guarda de um chapéu, de um casaco, acessórios como óculos e bolsas.

Assim, a noção de pertencimento social e coletivo constitui uma parte da trama da memória e das culturas contemporâneas. Calligaris (1998, p. 46) nos faz pensar mais detalhadamente nessa questão:

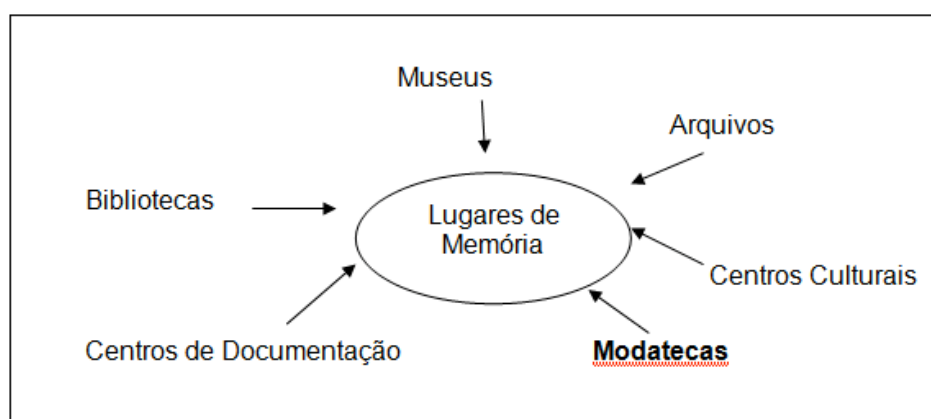
[...] desde as fotos de lembrança até a simples acumulação de objetos e documentos (...). Esses conjuntos, às vezes confusos, outras vezes ordenados e organizados, reunidos ou não com o intento de construir um arquivo, se transformam inevitavelmente em arquivos pessoais (autobiografias materiais, por assim dizer), pela morte do sujeito que os acumulou. Assim, no mínimo uma vez na vida, cada um torna-se arquivista, quando se depara infelizmente com a necessidade de esvaziar a casa de seus pais depois da morte deles.

Alguns desses objetos citados por Calligaris (1998, p.46) ajudarão os alunos e pesquisadores na área da moda, o desenvolvimento de suas pesquisas, já que dependem diretamente de acesso a objetos, imagens e textos. Com o aumento da

abertura de cursos de nível técnico e superior nos anos 1990 na área da moda, surge a necessidade por pesquisa em indumentárias, revistas e livros e periódicos especializados. Uma instituição específica desenvolve cursos Técnicos na área de moda e estilismo e conseqüentemente inicia os primeiros passos para a montagem do que seria a primeira Modateca no país. Espaço de pesquisa em moda que inicia suas atividades em meados de 1994, e a partir de uma caixa com tecidos escreve a própria história. A proposta e desenvolvimento como espaço de apoio aos alunos e pesquisadores da área. Essa coleção de tecidos, devidamente organizada por tipo, gramatura, padronagem passa a ser uma coleção de tecidos chamada hoje por teciteca ou tecidoteca. Em sequência, a mesma instituição passa a receber objetos pessoais, coleções particulares de estilistas e essa coleção inauguram o que é conhecido atualmente como modateca ou centro de informação em moda em outras instituições.

Nora (1993) *apud* Neves (2005, p. 55) diz que os museus, centros de documentação, bibliotecas, arquivos e centros culturais são lugares de memória, pelas suas práticas simbólicas de educação e de arquivamento e cria uma representação (veja na figura 1) para essa idéia, na qual acrescentamos as modatecas:

Figura 1 - Lugares de memória



Fonte: XAVIER, 2005, p. 55.

Nora (1993, p.15) fala da necessidade de se fazer estoques materiais, numa perseguição ao “produtivismo arquivístico”, pelo simples fato de não conseguirmos nos lembrar dos fatos. Diante dessa colocação, aqui devemos ponderar a questão das políticas de aquisição e de concepção de acervos desses lugares que citamos

acima: bibliotecas, centros de documentação, arquivos e entre outros a modateca. Nora (1993, p. 27) coloca que nos lugares de memória existe um fio invisível que liga os objetos um ao outro, muitas vezes sem uma relação evidente.

A partir de agora, esses objetos serão tratados como cultura material que tem como um dos principais pesquisadores o historiador de arte Jules David Prown (Yale University).

3. PESQUISA EM MODA

Para Jules David Prown³ (1982) a cultura material é um estudo que se baseia no fato de que a existência de um objeto feito pelo homem possui provas concretas da presença de um ser humano, além dos indícios de inteligência no momento da fabricação; os objetos que circularam por uma sociedade possuem dados pertencentes a um ou mais grupos e possuem indícios de suas crenças. Prown (1982, p. 2) propõe um método para análise da cultura material, considerando a sua variedade como uma solução para se fundamentar a pesquisa, e propondo a classificação por categorias e de análise da cultura material por:

Descrição: fase do registro das evidências internas do objeto.

Dedução: momento de interpretação e interação entre objeto e analista.

Especulação: parte da formulação de hipóteses e questões que buscam evidências fora do objeto para testá-las e resolvê-las.

Como um método possível de ser utilizado, observamos que o ensino da história da moda pode, através de novas metodologias, permitirem a alunos e pesquisadores praticarem e construir uma história menos linear, como colocado por Sant'anna (p.217):

Numa série de páginas ilustradas por dezenas de imagens são sintetizadas décadas inteiras de costumes vestimentares, quase sempre partindo apenas daquilo que a elite usava ou que as tendências de moda ditavam, sem que haja um mínimo

³ O nome verdadeiro é Paula Mellon, professor emérito de História da Arte da Universidade Yale e autor John Sigleton Copley e *American Painting from Its Beginning to the Armory Show*. Lecionou em Yale por quase quarenta anos, e recebeu o Distinguished Teaching of Art History Award do Art College Association of America em 1995.

questionamento das fontes utilizadas ou relativização daqueles trajes que ilustram as décadas por grupos sociais, regiões do planeta e mesmo por diferenças culturais. Tudo é padronizado.

É nesse conteúdo estruturado pela linha do tempo que o pesquisador precisa escolher o tema a partir do objeto, por meio de visitas a museus e coleções. Sant'anna (2009) sugere que esse caminho não é só para quem está escrevendo a história da moda, mas também é um meio para aqueles que estejam trabalhando com a criação de um produto novo.

Dentro dessa variação de caminhos da pesquisa do objeto roupa, temos os estudos e contribuições realizadas a partir do método de Prown pelas versões de duas pesquisadoras brasileiras, Rita Andrade⁴ e Sheila Gies⁵. Andrade (2004) fez esse tipo de análise seguindo o método proposto por Prown (1982).

Ao analisar as propostas de Prown (1982), de Barreto (1982) também, Durbin; Morris; Wilkinson (1990) e Horta; Grunberg; Monteiro (1999) em sua tese de doutorado, Andrade (2008, p.29) descreve que ao se optar por um estudo do artefato, ela percebeu que a partir desses autores, deveremos considerar a:

1ª Observação das características físicas: Análise da peça, dos detalhes, observando o objeto por meio da percepção sensorial, investigando o que se vê e o que se ouve, aprendendo a ganhar consciência de nossa conexão com o objeto. Para tanto, ela diz que é preciso estar receptivo a esses estímulos perceptivos antes de se passar para a etapa seguinte, que segunda a autora irá exigir mais da percepção tátil.

2ª Descrição ou registro: são os desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas daquilo que está sendo estudado. No caso do vestido, o uso de uma fita métrica e de uma máquina fotográfica (quando possível) pode ser de grande ajuda. Andrade (2008, p.29), vai trabalhar com a

⁴ Professora da Faculdade de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, é doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em History of Textiles and Dress - University of Southampton, cursou especialização em Museologia pelo Instituto de Museologia de São Paulo - FESP

⁵Sheila Alves Gies, PhD em Design de Moda, Pós-graduação, PhD, pelo Departamento de Design e Tecnologia, Univesidade Metropolitana de Manchester, MMU, Manchester, Inglaterra, Reino Unido

pesquisa de peças históricas, nesse caso da sua tese, um vestido da década de 1920.

3º A identificação: Para a autora esse momento é o estágio que traz o processo de interpretação de objetos e dependerá da observação, envolve o reconhecimento de materiais que poderão ser familiares ou não. É o processo de detalhamento, e Andrade (2008, p.29) diz que nesse processo pode-se resultar na datação, origem da peça, levando ao pesquisador a se aprimorar nos conhecimentos como modelagem, corte, estilos.

4º Exploração ou especulação do problema: Esse processo é mais livre, permite que o pesquisador crie e associe acontecimentos, objetos e perceba a construção e especulação do problema.

5º Pesquisa em outras fontes: Auxiliará na construção da pesquisa, consolidando informações e criando um roteiro de pesquisa e de estudo. Nesse processo, a autora acredita que o pesquisador poderá utilizar recursos como de fontes escritas, iconográficas, fílmicas e entrevistas, “externas ao objeto estudado”. Andrade (2008, p.30)

Com pesquisas muito próximas, Gies (2008) faz uma complementação ao método Prown⁶ que será detalhado a seguir, ao defender sua tese na Universidade de Manchester em 2009 com o título *The Material Culture of Brazilian Fashion Design - from 1985 to 2005*⁷. Gies (2008):

A metodologia de Prown (1982) é construída com base no uso de artefatos como evidência e não apenas como ilustração, e afirma que todo aspecto observável no objeto tem uma causa num aspecto cultural, e o caminho para entender tal causa é o estudo cuidadoso e imaginativo do seu efeito, o objeto.

Trabalhando exclusivamente com peças contemporâneas, diferentemente do trabalho de Andrade (2008), Gies (2008, p.5) aplica o método Prown (1982) e faz a

⁶Comunicação oral durante Workshop Design de moda e cultura material no Instituto Rio Moda em 27/07/2010.

⁷ A pesquisa foi baseada em dois artigos da autora, pois a tese está em fase de publicação, tendo seu acesso vetado pela editora.

inserção de mais três fases complementares no processo de análise do vestuário. Usando seu estudo datado de 26.12.2008, teremos dimensão das fases da pesquisa, a partir de uma peça de 1970, que possui como local de fabricação o Japão. Atualmente depositado no Museu do FIT-Fashion Institute of Technology, em Nova Iorque, onde analisa duas peças de Issey Miyake, designer japonês. Vejamos:

Identificação do design: Gies (2008) considera aqui o autor da peça. E sugere algumas perguntas como início da pesquisa, tais como “foi uma encomenda?”, “como se deu o processo de criação?” entre outras.

Registro visual: Consiste no registro da imagem da peça, podendo ser foto detalhada da peça pesquisada, ou desenho;

Uso da técnica da entrevista: esse último processo permite a geração de dados qualitativos primários⁸. Contribuição significativa para o método de Prown (1982), isso quando o autor estiver vivo.

Aplicar o método Prown é facilitado pelas contribuições de Andrade (2008) e Gies (2008). Ao analisar os dois estudos, vemos como ambos se complementam e ampliam as fases de pesquisa propostas por Prown (1982). A partir do objeto, considerando as especificações da área da moda, temos como possibilidades de análise desde acessórios e peças dos vestuários. E ainda, devemos considerar os locais de pesquisa, sejam eles grandes museus, acervos pessoais ou modatecas.

4. A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PESQUISA EM MODA

A partir dos estudos citados anteriormente de Prown 1982, *apud* Gies, 2010 e Andrade, 2004, sendo o objeto repleto de possibilidades de estudos culturais, com características únicas e passíveis de análise, transmitem informações, visão compartilhada por Buckland (1991, p. 354), quando questiona

⁸ Informações a partir do produtor da peça, sem intermediação externa como um texto, livro ou artigo.

O que fazem centros de pesquisa ao montar muitos tipos de coleções de objetos, se eles não esperam que os estudantes e pesquisadores possam aprender alguma coisa com eles? Qualquer universidade estabelecida, por exemplo, é provável que tenha uma coleção de pedras, um herbário de plantas conservadas, um museu de artefatos humanos, uma variedade de ossos, fósseis e esqueletos, e muito mais além. A resposta é, evidentemente, que os objetos que não são documentos no sentido normal de textos, mas que, no entanto, enquanto coisa, podem ser fontes de informação. Os objetos são recolhidos, armazenados, recuperados e examinados como informação, como base para tornar-se informado. Alguém questionará a integridade de qualquer ponto de vista da informação, ciência da informação, ou sistemas de informação que não estender a objetos, bem como os documentos e dados.⁹

A preocupação trazida por Buckland (1991) é uma maneira de alertar a área da Biblioteconomia e Ciência da Informação¹⁰ e sistemas de informação para compor a questão do objeto, que ao ser coletado para uma coleção, precisa ser analisado, catalogado e cadastrado, tal como ocorre com uma obra bibliográfica (virtual ou não). Inerente a essa preocupação, uma vez que o objeto não se organiza somente em museus, podem fazer parte de qualquer espaço de pesquisa. Dentro de uma universidade poderemos ter laboratórios, ateliês e seus objetos serão acumulados e teremos desde o herbário citado por Buckland (1998), até os utensílios de uma cozinha experimental¹¹, o acervo de equipamentos de um curso de cinema, fotografia e audiovisual, as peças que envolvem a montagem de um hotel¹².

Em uma pesquisa recente para a modateca da UDESC, BEIRÃO FILHO (2009, p. 57) declara:

Com a globalização e com o processo de aceleração, modificações hoje são percebidas em todos os setores da sociedade, inclusive no

⁹ Tradução minha. Why do centers of research assemble many sorts of collections of objects if they do not expect students and researchers to learn something from them? Any established university, for example, is likely to have a collection of rocks, a herbarium of preserved plants, a museum of human artifacts, a variety of bones, fossils, and skeletons, and much else besides. The answer is, of course, that objects that are not documents in the normal sense of being texts can nevertheless be information resources, information-as-thing. Objects are collected, stored, retrieved, and examined as information, as a basis for becoming informed. One would have to question the completeness of any view of information, information science, or information systems that did not extend to objects as well as documents and data.

¹⁰ “De prática de organização, a ciência da informação tornou-se, portanto, uma ciência social rigorosa que se apóia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos)” (Le Coadic, 1996, p.26)

¹¹ Considerando o curso de Gastronomia.

¹² Considerando o curso de hotelaria.

tocante ao tempo e ao espaço. Nesse sentido, a comunicação também precisa acompanhar com velocidade crescente essas mudanças, para que assim, disponibilize ao homem os meios adequados para se adaptar a essas novas exigências.

O acesso a peça é importante, a descrição, identificação, observação e todos os pontos colocados pelos autores até agora citados, outra pesquisadora, propõe a inserção de dados na imagem, isto é, no registro fotográfico indicado por Gies (2008). Essa complementação visual permite o acesso rápido aos dados do objeto, sem precisar da peça em mãos, a ficha com dados, classificação e o resultado da pesquisa, na própria página pesquisada é a contribuição desta dessa outra pesquisadora que aqui escreve:

Figura 2 - Medidas chapéu do estilista Fernando José



Fonte: Coleção Madame Marthe Monios - 1998

Deverão ser consideradas as necessidades de tecnologia e comunicação do usuário da modateca, respeitando o objeto e suas características físicas. Dentro desse pressuposto, temos variados recursos que seguem desde a disponibilização de imagem fotográfica, vídeos, desenho técnico da peça e, atrelado a isso, a descrição detalhada da peça, tudo de forma virtual, sendo que o contato com uma peça mais frágil, poderá ser feito após todo o acesso dessas imagens e complementos, se o pesquisador precisar. E dependendo do caso, muitas vezes, por

conta da qualidade dos recursos disponibilizados, não será preciso a complementação da análise a partir do contato direto com o objeto, contribuindo assim para a sua preservação.

Figura 3 : resultado da pesquisa na internet

Biblioteca

[Nova pesquisa](#)

Chapéu: grinalda

Código:	132017
Tipo:	Objeto (OBJ)
Colaço:	1 Chapéu
Autor(es):	Estilista: MONIOS, Marthe
Título:	Chapéu: grinalda
Imprenta:	[19-]
Notas:	Confeccionado para Fernando José. Chapéu sem etiqueta.
Colorido:	Preto e Branco
Dublado:	Não
Sonoro:	Não
Legendado:	Não
Assunto(s):	NOIVA; MODA; CHAPEU; GRINALDA; FERNANDO JOSE
Resumo:	Grinalda confeccionado em renda chantilli branca (sem forro) e bordado com miçangas e paetês. Possui aba mais larga na parte de trás.
Anexo(s):	 Grinalda confeccionado em renda chantilli branca  Grinalda confeccionado em renda chantilli branca

Unidade	Classificação	Cutter	Complemento	Exemplares
BIBLIOTECA [REDACTED]	391.43	M744gr	MODATECA	1

Fonte: Biblioteca pesquisada, 2010

A figura 3 acima traz dados do chapéu ilustrado na figura 2, que são indícios do uso do método Prow (1982), que envolve a descrição, dedução e especulação, atreladas as contribuições de Andrade (2008), com a observação da peça, descrição e registro, exploração e pesquisa. Por fim, a identificação, registro visual indicados pela Gies (2008) e a entrevista, que neste caso foi usado por um artigo de jornal, que indicava onde e para quem a peça havia sido feita, como ilustrado a seguir:

Figura 4 - Recorte de jornal - Coleção Mme. Marthe Monios



Fonte: *Folha de S.Paulo*, Ilustrada: Tavares de Miranda, 1977.

Atender as demandas por pesquisas via internet é um dos objetivos da modateca pesquisada, porém outros desafios permanecem, pois como colocado ao longo do artigo, o aluno e pesquisador de moda, precisa ter acesso aos tecidos, objetos e tabelas de cores, para o desenvolvimento técnico e teórico na sua formação.

5. MODATECAS MÓVEIS OU ITINERANTES

As modatecas itinerantes, baseadas em uma proposta de levar a informação em moda, em qualquer lugar, auxilia para atender a demanda de cursos técnicos ou de graduação em moda de regiões distantes e com pouca infraestrutura. Ainda serve como opção para cursos temporários ou oficinas.

A proposta da instituição pesquisada foi da confecção em marcenaria de armários com rodas e que tivessem a facilidade de ser transportados pelas dependências das unidades envolvidas. Foram definidos os materiais documentais, vestuários, acessórios, entre outros. Quanto à aquisição dos catálogos de moda e tecidos, observou-se a importância de criar-se procedimentos e diretrizes que envolvessem parcerias e contatos com empresas atuantes no mercado de moda. O objetivo foi manter o acervo atualizado com o que há de novo na área, possibilitando

ao aluno o manuseio dos itens que compõem o vestuário, como complemento e apoio educacional.

Quanto às tecitecas, os alunos usam dos mesmos dados inseridos no sistema de informação, que é utilizado pelas bibliotecas do sistema de da instituição. Como as modatecas itinerantes, fazem parte da equipe dessas unidades de informação e pesquisa o bibliotecário, que auxilia nesse processo de busca e organização. As bandeiras de tecidos e as amostras complementam os dados inseridos no sistema.

Com o estudo de viabilidade, foram avaliadas as unidades, suas estruturas físicas e recursos humanos e a integração do projeto com a sala de aula. Com este trabalho, foram oferecidos subsídios estratégicos, focalizados no ensino de moda. A proposta foi promover ações de mediação para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa e o crescimento acadêmico dos cursos.

Os componentes curriculares do curso em Estilismo e Coordenação de Moda ofereceram às modatecas subsídios para seguirem com a parceria da pesquisa a partir da biblioteca (locais a que as modatecas itinerantes estão interligadas) e da sala de aula, no desenvolvimento das competências profissionais específicas, em que o aluno tem a possibilidade de analisar diferentes tecidos, materiais de acabamento e aviamentos.

Na teciteca (acervo de bandeiras de tecidos¹³), o aluno analisa a viabilidade da utilização, o caimento, a estampa e outras informações técnicas da área têxtil, como gramatura e composição do fio. Para isso, as modatecas itinerantes também disponibilizam balança de precisão e conta-fios¹⁴. Os catálogos de moda são essenciais para se conhecer o que há de novo no mercado nos mais diversos segmentos da área, bem como tendências e análise de cores com a utilização da tabela para tecidos Pantone¹⁵, que é referência no processo criativo do desenvolvimento de uma coleção.

¹³ As indústrias de tecidos disponibilizam amostras de sua produção de diferentes formas, desde catálogos com amostras pequenas de tecidos, até amostras maiores em formato de bandeiras, sempre com as descrições do produto, o que facilita o armazenamento de cadastro desse material na modateca.

¹⁴ Pequena lente de ampliação, fundamental para a análise da gramatura e detalhes do tecido. Utilizado também na área gráfica para análise de impressões.

¹⁵ Cartela de cores especial para tecidos.

O projeto e execução das modatecas itinerantes em cinco unidades da instituição iniciaram com um acervo básico em cada biblioteca; também acrescentou elementos a cada móvel. Com isso foi possível trabalhar com questões técnicas e práticas, que envolveram a necessidade de acesso a peças de diferentes cortes, estruturas, tecidos e até peças históricas, remetendo o aluno ao processo de desenvolvimento social que envolve a área de moda e estilismo, focalizados no ensino de moda, promovendo ações de mediação, obtendo melhores resultados no desenvolvimento da pesquisa e crescimento acadêmico.

Considerações Parciais

O artigo trouxe as modatecas como espaços integradores que asseguram dentro das novas diretrizes educacionais, possibilidades e ferramentas no processo de criação e desenvolvimento acadêmico. Observamos as questões que permeiam a modateca como espaço de memória, espaço de educação e espaço de pesquisa, visando permitir uma integração e propor formas capazes de suprir as necessidades de que a pesquisa e a preservação documental estejam em um único local, considerando ainda essa inserção atrelada aos serviços de biblioteca da instituição analisada.

. A instituição pesquisada criou a sua teciteca em 1994, ampliou a atuação para modateca, quando passou a ter acervo de indumentárias e chapéus no ano de 1998. Em 2010 persegue a sistematização e a qualidade dos registros de suas obras, quando coincidentemente passa a incorporar em seu acervo uma coleção de figurinos, guardada por quase 40 anos, por um cantor brasileiro. Este figurino passa a ser requisitado por museus internacionais e não cabe neste artigo o detalhamento, mas é certo que o futuro desta modateca é a ampliação da sua atuação, antes constituída para atender apenas uma demanda local.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rita Morais de. **Boué Soeurs RG 7091**: a biografia cultural de um vestido. 2008. 223 f. (Tese (Doutorado em História)). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BUCKLAND, M. K. **Information as thing**. Journal of the American Society for Information Science (JACIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991.

GIES, Sheila. **Cultura Material e Design de Moda Contemporâneo**: uma Metodologia Aplicada. In: 4º Colóquio de Moda, 2008, Novo Hamburgo. 4º Colóquio de Moda CD de Anais, 2008.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

NEVES, Rogério Xavier. **As possibilidades educacionais dos centros de documentação e memória**. 2005. (Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*, n. 10. 1993. Tradução de Yara Aun Khoury.

_____. Ministério da Educação e Cultura – **Instrumento de avaliação do ensino superior em tecnologia 2010**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: < <http://enade.inep.gov.br/enadeles/> >. Acesso em: 28 jan. 2010.

PROWN, Jules David; HALTMAN, Kenneth (ed.). **American artifacts**: essays in material culture. Michigan: Michigan State University Press, 2000.

SANT'ANNA, Mara Rúbia, et al. **Moda, museu e história**: novos horizontes para o profissional da moda. In SANT'ANNA, Mara Rúbia (org.). *Moda palavra: moda em Santa Catarina: história, crítica e perspectivas*. V.5. Florianópolis/Barueri/SP: UDESC, 2009.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

TORRINELLI, Marlene; VANDRESEN, Monique. **Modateca**: preservação da memória de moda e do vestuário. In *Moda palavra: moda em Santa Catarina: história, crítica e perspectivas*. V.5. Florianópolis/Barueri/SP: UDESC, 2004.